

Vamos ^{Sendo} pedir ajuda ^{Ext} diretamente - 3 AGO 1963 aos governos

Fontes bancárias confirmaram, ontem, que o Brasil irá ao Clube de Paris para renegociar sua dívida para com governos de outros países, a fim de aliviar seus encargos financeiros pelo menos neste ano e no próximo. Um banqueiro disse que a data para a reunião do Clube de Paris não foi fixada, mas que será "no futuro próximo".

No dia 21 de julho, o presidente do Banco Central, Carlos Langoni, havia declarado aos banqueiros que se reuniram com ele em Nova York, que o Brasil pretendia recorrer ao Clube de Paris (um clube de credores informal) para solicitar que os governos estrangeiros reescalonassem a dívida oficial brasileira. Governos de diversos países têm concedido créditos ao Brasil para que o País possa importar produtos que vão de aviões a trigo. Os créditos muitas vezes são concedidos por bancos, com garantia dos seus governos.

Segundo informações do setor bancário, o Brasil foi instado a procurar o Clube de Paris pelo governo dos Estados Unidos e pelo FMI. Quando Langoni comunicou essa intenção, os bancos julgaram que era uma boa idéia. Agora o Brasil confirmou que irá, segundo um banqueiro que disse ter recebido a notícia do comitê de bancos internacionais que ajuda o País a equacionar sua situação financeira. Alguns bancos, consultados por este jornal, não tinham conhecimento da decisão.

Na ocasião do encontro de Langoni com os bancos, em Nova York, os números da dívida oficial (governo a governo) para este ano e o próximo, que deveria ser reescalonada, foram situados em 650 milhões de dólares e 900 milhões de dólares, respectivamente. Isso não incluiria a dívida para com o Banco de Pagamentos Internacionais (BIS), formado por bancos centrais, que deu um empréstimo-ponte ao Brasil de 1,45 bilhão de dólares. Um banqueiro disse, ontem, a este jornal, não ter certeza de que o empréstimo-ponte do BIS seria considerado nos entendimentos com o Clube de Paris.

Pelos números mencionados, o que o Brasil deve a governos é relativamente pouco, quando se tem em mente a sua dívida para com os bancos privados e as organizações multilaterais de financiamento, como o Banco Mundial e o Banco Interamericano de Desenvolvimento. Mas, segundo um banqueiro, "tudo ajuda" diante da situação de liquidez do País.

O Clube de Paris tem por função negociar a dívida externa de governo a governo. Os bancos privados julgam ser este mais um passo necessário para envolver governos na questão da dívida brasileira. Alguns banqueiros já admitem que, em última instância, o problema do Brasil terá de encontrar uma solução política, que conceda ao País prazo maior e condições mais favoráveis para saldar suas obrigações.

Como se sabe, o Brasil não pôde pagar o BIS pontualmente devido ao atraso do desembolso dos recursos do FMI. Além disso, andou atrasando pagamentos ao Eximbank e à Commodity Credit Corporation, órgãos oficiais dos Estados Unidos.

**A.M. Pimenta
Neves, de Washington.**

Delfim: boa idéia.

Ao ser perguntado sobre a sugestão dos banqueiros de o Brasil recorrer ao Clube de Paris, o ministro Delfim Neto declarou que não descartava a idéia, diante da situação atual, mas não quis adiantar se iria tomar a iniciativa.

Lembram economistas que, no passado, o Brasil recorreu ao Clube de Paris, sem encontrar maiores dificuldades. Foi em março de 1961, quando o então presidente Jânio Quadros delegou poderes ao embaixador Roberto Campos para buscar, junto ao governo da França, chefiado por Charles de Gaulle, apoio para a solução dos problemas da dívida brasileira, naquela época.

Segundo informações do próprio embaixador Roberto Campos, fornecidas de Brasília, por telefone, o governo de Gaulle, às voltas com o conflito da Argélia, não tinha recursos para fornecer ao Brasil, mas convocou para uma reunião, na capital francesa, as autoridades monetárias dos países-membros do Clube de Haia, que, então, foi substituído pelo Clube de Paris. Roberto Campos conseguiu não apenas a consolidação da dívida como créditos novos no montante de US\$ 300 milhões.